PIRES, H. & MORA, T. (Eds.) (2012)
Encontro de Paisagens
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Centro de Investigação em Ciências Sociais
Universidade do Minho - ISBN 978-989-8600-03-5

Comentário a "Downfall"

LUÍS FORTUNATO LIMA

I – O "mundo" em que vivem os autores

Tendo em conta que se desejou fazer um "encontro de paisagens" tratei de apresentar, paralelamente ao trabalho de Nuno Moreira Inácio, o universo temático de dois outros autores: Gunther Knipp (Alemanha, 1935) e George Shaw (Inglaterra, 1974). Este encontro inicial teve como objectivo circunscrever esse universo e entrar numa atmosfera onde o trabalho de Nuno M. Inácio aparece com subtis diferenças.

No que diz respeito ao trabalho de Gunther Knipp, refiro-me a um conjunto de desenhos realizados na década de 70. Nesses desenhos, realizados a lápis sobre cartão em formatos médios, temos acesso a imagens de descampados, fábricas devolutas, edificações arruinadas, recantos tomados pelas ervas daninhas e lixeiras anexas a esses espaços. Os espaços aparecem desprovidos de sentido funcional, desprovidos de sentido de território, como expressão do abandono. Essas imagens são representativas da falência da indústria, e são, portanto, para Gunther Knipp, a expressão de uma espécie de sombra da civilização industrial ou pós-industrial. Num sentido muito próprio resumem a ideia de lugar decaído.

Relativamente a George Shaw invoco as suas paisagens dos subúrbios. Pintura de referência fotográfica, feita com uma espécie de esmalte (humbrol enamel) sobre tela ou sobre madeira, em formatos pequenos. Com George Shaw, temos acesso a uma descrição minuciosa de diversas paisagens dos subúrbios e suas particularidades, sobretudo como analogia da caducidade, através de um olhar atento à degradação do território: "The dark side of suburbia", conforme o título de uma exposição recente. "George Shaw unsetting landscapes reveal a council estate caught in a monumental struggle between man and nature" (Telegraph, Wednesday 8 may 2011).

Em ambos os trabalhos há um sentido existencial: o olhar percorre os indícios e os resíduos de acções humanas desinteressadas, percorre os espaços cuja vivência se faz a partir da sua relação com a memória. O decaimento material e a fragmentação estão associados à ideia de transitoriedade. Estas imagens são representativas da decomposição de um tempo. "Sem tempo não há memória", escreveu N. M. Inácio; sem memória não há tempo. A memória, e com efeito, o tempo, constrói-se, sedimenta-se, resume-se, desvigora e, eventualmente, dissolve-se na paisagem externa e interna.

Nos trabalhos de Knipp e Shaw, assim como no trabalho de N. M. Inácio, temos acesso a paisagens cujo sentido primordial é expressar o decaimento, a queda das coisas, e dessa forma surge a face sombria e melancólica. Podemos interpretar algumas destas imagens como indícios da desilusão e da descrença no contexto ideológico e social. A

tipologia dos desenhos de N. M. Inácio tem alguma semelhança formal e conceptual com os autores referidos. O decaimento, o fragmento, o resíduo, são também figuras temáticas ou sub-temáticas do seu conjunto de imagens. Penso, porém, que têm um sentido subtilmente diferente. Três palavras a respeito do seu trabalho: (1) ocorrência, (2) falência e (3) resiliência.

(1) Ocorrência e pós ocorrência: a quietude das coisas após uma acção violenta, decisiva, que marca uma ruptura, resultado de uma ocorrência catastrófica ou não.

(2) Falência. Fixação nostálgica pela ruína: a ruína como representação de uma ausência. Resíduo de vivências, de uma existência. Caducidade e transitoriedade: algo que cai e decai, como corpo, como forma e como ideia.

(3) Resiliência – Back to Nature: O contrário de fraqueza. Dito de um modo simplista: na Física, o termo resiliência diz respeito à capacidade (energia acumulada) que os corpos têm de voltar à mesma forma após uma alteração induzida. O termo tem vindo a ser utilizado também no campo da Psicologia no que diz respeito ao processo que reconduz o paciente a um estado psicológico considerado normal antes do trauma. Gostaria de fazer uma analogia entre este conceito e um grupo de trabalhos de N. M. Inácio intitulado "Back to nature". Toda a paisagem humanizada, todos os objectos que a habitam, resultam da alteração dos recursos, dos materiais e das formas naturais. Algumas imagens desta exposição deram-nos acesso a uma espécie de processo em que a natureza se reapropria lentamente dos produtos humanos após uma qualquer ocorrência disruptiva. Enquadrados na paisagem natural, os objectos são envolvidos e consumidos pela natureza. Um lado positivo, uma evocação da resiliência da natureza, uma espécie de voltar ao normal depois de uma incursão delirante.

II – Os "desenhos" de Nuno Moreira Inácio têm aparência de desenho?

Estas imagens resultam de impressões a preto (jacto de tinta) em papel branco, recalcadas parcialmente, ao de leve, com lápis de grafite. Parte importante da realização assenta numa preparação prévia da matriz de origem fotográfica, nomeadamente no tratamento computorizado da imagem de forma a cancelar partes ou excluir o plano de fundo. É óbvio que o nome "desenho" não assenta aqui num sentido canónico. Exceptuando o processo ênfase/exclusão, nestas imagens estão ausentes vários indícios gráficos próprios da acção humana que caracterizam normalmente o desenho enquanto tal. Manifestam, por outro lado, propriedades da objectividade mecânica.

As principais características humanas ausentes são: o erro, o arrependimento, a hesitação ou a incerteza, o gesto (a sua direcção), a tremura, tensão ou fluidez, a linha concretizada pelo traço (delinear significa considerar conceptualmente os limites, o que caracteriza a mente humana).

As principais características mecânicas presentes são: a certeza, o exímio domínio técnico, a neutralidade ou a regularidade da acção, o detalhe exaustivo (mostra grande

quantidade de subtilezas de textura muito difíceis de observar e descrever na presença do motivo), a descrição óptica indiferenciada das partes.

Resumindo, o que sucede nestas imagens tem origem numa maior preocupação com o tema e com a imagem e menor preocupação com o desenho. Isto é, o objectivo principal é editar e não compreender ou explorar.